

0542

ENDÊNCIAS/DEBATE

16/11/93 pag. 1-3

Os artigos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

A democracia da esquerda

83/93

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

O complicado cenário político brasileiro preocupa aqueles que acompanham o processo sucessório. No momento, apenas um candidato apresenta-se como tal e tem condições de entrar para o segundo turno, a saber: o candidato das esquerdas, Luiz Inácio da Silva. Os demais patinam em suas insuficiências eleitorais e nas incertezas sobre os apoios que possam ter para ingressar na arena da disputa presidencial. Um número considerável de préaspirantes busca a indicação de seus partidos, à luz das pesquisas eleitorais que detectam sua aceitação junto aos eleitores.

O quadro atual não é, todavia, definitivo. Parte da esquerda tem, no candidato do PT, sua grande chance, após o fracasso eleitoral de 89. Controlando grande número de sindicatos das empresas estatais e da administração pública federal, contando com a simpatia de parcela dos integrantes do Ministério Público Federal e forte influência sobre os meios de informação, possuem instrumental suficiente para enaltecer a figura do líder carismático e destruir qualquer candidato, que se lhe possa opor, pela mera agressão à sua imagem, em momentos oportunamente escolhidos.

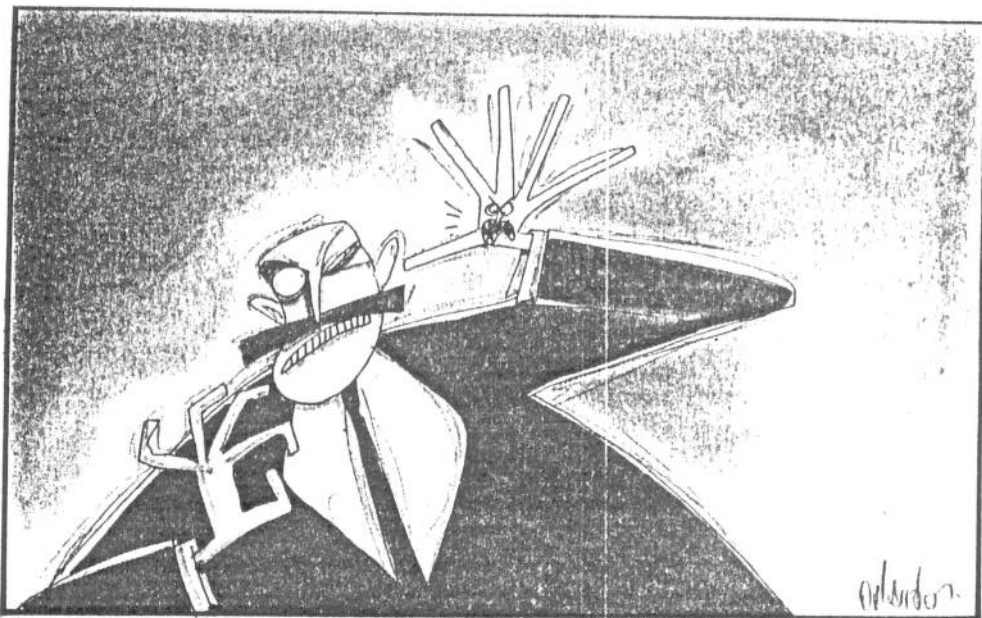
Carl Schmitt, ao dizer (o conceito do político), que a política é a ciência que estuda a oposição entre o amigo e o inimigo, justifica a bem-sucedida tática das esquerdas e seu plano de conquista do poder, pela primeira vez no país com reais condições, visto que seus seguidores minimizam as críticas aos seus e maximizam aquelas aos opositores, pela referida influência sobre a mídia.

A sucessão de escândalos públicos, por outro lado, que surge em momentos estratégicos, desventrados e alimentados, em sua permanência nos meios de comunicação, pelos líderes de ponderável segmento da esquerda, desestru-

Se os militantes do PT não respeitam a lei fora do governo, como irão se comportar no poder?

tura o aparecimento de uma oposição coerente, em face da desinformação que segue a tais denúncias, visto que os nomes de desonestos políticos são colocados no mesmo nível de políticos honestos, apenas citados para dificultar a separação do joio e do trigo.

Em outras palavras, a manutenção dos escândalos, na mídia, sem uma rápida apuração —o que nem sempre é possível em face da segurança que a Justiça deve ofertar para que inocentes não sejam condenados— fortalece a candidatura de Lula e atrasa o lançamento de uma candidatura de consenso de oposição,



com o que, aparentemente, seu caminho para a Presidência fica cada dia mais fácil, mormente levando-se em consideração a absoluta inapetência para o exercício do poder do governo Itamar.

Nada obstante, não creio que o quadro atual seja definitivo, nem que o caminho a ser percorrido fique cada vez mais fácil, como acreditam os partidários da esquerda no Brasil.

Em primeiro lugar, porque Lula cresceu rapidamente e muito cedo, mas mantém ainda um grande índice de rejeição.

Em segundo lugar, porque a direção nacional do partido perdeu aquele perfil moderado de seu início, que colocava o PT como autêntica representação do pensamento da centro-esquerda, para se tornar, hoje, um partido de esquerda para a esquerda radical. E muitas de suas maiores expressões começam a ficar sem espaço no partido, como ocorre com os deputados José Genoíno, Hélio Bicudo e outros.

Em terceiro lugar, porque aqueles que apóiam Lula não têm demonstrado grande respeito às leis, como atestam as violências perpetradas nos leilões de privatização, na abertura dos trabalhos constituintes, nas invasões de terras, na desobediências às decisões judiciais, levando as elites moderadas a raciocinar que, se não respeitam a lei e são truculentos fora do governo, como serão quando estiverem no governo? E a conquista da chefia do Executivo Federal não deverá repetir-se no plano dos Estados (fará no máximo dois governadores), nem no Congresso (fará no máximo 20% do Congresso), o que

acarretará uma permanente tensão entre as diversas correntes políticas no poder e o presidente.

Em quarto lugar, a própria purificação dos costumes políticos levará as forças contrárias a essa esquerda à escolha de nomes de perfil inquestionável, como pode ocorrer com o ministro Antonio Britto, que tem tanto preparo intelectual quanto padrão moral.

Em quinto lugar, porque o fato de seu candidato não trabalhar, há mais de dez anos, na sua especialidade e não ter qualquer experiência administrativa, sobre ter formação cultural limitada, tendo sido, nestes últimos dez anos, apenas "líder sindical", poderá levá-lo, no embate direto de idéias ou programas, a apresentar "performance" inferior à de seu opositor.

E, por fim, porque não esconde, a direção radical do partido, seus preconceitos em relação aos empresários e à iniciativa privada e sua preferência pela manutenção das estatais, o que vale dizer, o discurso estatizante é o oposto daquele adotado por todos os países da América Latina, que já venceram o problema inflacionário.

Reconheço indiscutível coerência no candidato das esquerdas. Não chegaria ao ponto em que chegou se não fosse inteligente. A insuficiência de sua formação cultural procura suprir com notável esforço para se atualizar em relação aos problemas nacionais e internacionais. Entendo, todavia, que se não se render conta dos riscos representados pelo perfil dos que o apóiam, é possível que, mais uma vez, entre para o segundo turno e perca de qualquer um que represente discurso mais moderno e menos preconceituoso.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, 58, é professor emérito da Universidade Mackenzie, presidente do Conselho Superior de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas